

AVALIAÇÕES (SOCIO)LINGUÍSTICAS SOBRE A FALA DE LUDOVICENSES

(SOCIO)LINGUISTICS EVALUATIONS ON LUDOVICENSES SPEECH

Recebido: 07/10/2022

Aprovado: 15/12/2022

Publicado: 29/12/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i2.2991

João Vitor Cunha Lopes¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-6696-5364>

RESUMO: Este trabalho, fundamentando-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2006 [1966]; 2008 [1972]; ECKERT, 2012; OUSHIRO, 2015, entre outros), propõe-se a analisar os metacomentários sobre a variedade ludovicense, com o intuito de acessar quais avaliações emergem do discurso dos falantes em relação ao discurso de que os maranhenses falam a melhor variedade do português brasileiro, tendo como foco de análise a variável linguística pronomes pessoais de segunda pessoa do singular, em especial a realização do pronome pessoal “tu”, responsável, em alguma medida, pela manutenção do discurso de que os maranhenses falam o melhor português. Realizou-se uma análise qualitativa preliminar de áudios e transcrições de 26 entrevistas sociolinguísticas que compõem a amostra de fala ludovicense, construída por Santos (2015). Os resultados preliminares mostram que os ludovicenses produziram muitos metacomentários sobre a sua forma de falar e evidenciaram a crença de que os maranhenses e, principalmente os ludovicenses, falam um bom português. Além disso, apresentaram a utilização do pronome “tu” como uma marca ludovicense.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação (Socio)linguística; São Luís; Ludovicenses.

ABSTRACT: This work, based on the theoretical-methodological Variationist Sociolinguistics assumptions (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2006 [1966]; 2008 [1972]; ECKERT, 2012; OUSHIRO, 2015, among others), proposes a review of metacomments about the Ludovicense variety with the aim to access which evaluations emerge from the discourse of speakers regarding the discourse that Maranhenses speak the best variation of Brazilian Portuguese, focusing on the analysis of linguistic variable, *singular second person pronouns*, in particular the realization of the personal pronoun "tu"; which is responsible, to some extent, in maintaining speech that Maranhenses speak the best Portuguese. A preliminary qualitative analysis was done using audios and transcripts of 26 sociolinguistic interviews that make up the Ludovicense speech sample constructed by Santos (2015). The preliminary results show that Ludovicenses produced many metacomments about their way of speaking and showed evidence of the belief that Maranhenses, mainly Ludovicenses, speak good Portuguese. In addition, they presented the use of the pronoun "tu" as a Ludovicense mark.

KEYWORDS: (Socio)Linguistic Evaluation. São Luís. Ludovicenses.

Introdução

O discurso de que há um lugar onde se melhor fala o português no Brasil é bastante difundido no cotidiano, nas mídias e nos jornais. Para muitos brasileiros, as pessoas que falam “o português mais correto” encontram-se no Estado do Maranhão.

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Maranhão, área de concentração: linguagem, cultura e discurso; subárea: texto e discurso. Licenciado em Letras - Português pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Bacharelado em Direito pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística do Maranhão - GEPeS-MA. Atualmente, é professor substituto na Universidade Estadual do Maranhão (Campus Lago da Pedra). E-mail: joaovitorcunhalopes@outlook.com

Na internet, por exemplo, há algumas publicações² e comentários, de maranhenses ou não, que endossam esse discurso. No senso comum, acredita-se que, realmente, há uma variedade linguística ou um lugar onde os falantes utilizam a língua de uma forma mais correta.

No ano de 1891, o Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão, em sua obra *Porandunba Maranhense*³, escreveu que os maranhenses “[...] falam com um certo metal de voz, que o [a] faz muito agradável ao ouvido” (MARANHÃO, 2012 [1946], p. 168). Essa afirmação de Prazeres Maranhão coloca em evidência os aspectos prosódicos da fala maranhense, o que, hoje, talvez fosse explicado pela crença de que “os maranhenses não têm sotaque”, comumente difundida entre os maranhenses e até fora do Estado.

Em 1965, Serra, interventor do Maranhão no período conhecido como Era Vargas (1930-1945), tece alguns comentários tanto sobre a fisionomia da cidade São Luís quanto sobre o culto da língua portuguesa. Além de mencionar sobre a beleza das janelas, sacadas e casas, Serra (1965, p.17) enfatiza que, “S. Luís é uma terra onde se amam os versos, os recitativos, a oratória, as tertúlias literárias e onde existe verdadeiro culto pela arte de dizer e de escrever”, lugar onde se discute sobre o vernáculo.

Além disso, “discute-se gramática com a mesma paixão com que se discute política” e, por vezes, “ferrenhas inimizades” são ocasionadas pela “simples colocação de pronome, ou por uma regrazinha de sintaxe...” (SERRA, 1965, p.17). O autor ainda explica que todas essas características derivariam principalmente de muitos maranhenses que se deslocaram a Portugal para estudar. Coimbra foi o lugar em que “estudaram gerações e gerações de maranhenses, que foram seus filósofos, seus matemáticos, seus botânicos, seus romancistas, seus poetas, seus polígrafos de renome” (SERRA, 1965, p.17).

Ainda comenta que “o que surpreende a quem nos visita é modo acurado de falar de nossa gente. Não há gírias em uso, corrompendo a língua. Há sim muito apuro no dizer” (SERRA, 1965, p.18), indicando que os ludovicenses teriam, em certa

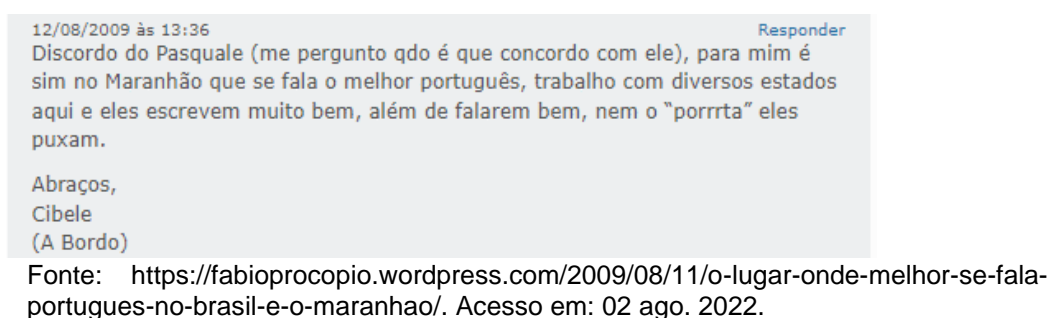
² É no Maranhão que se fala o melhor português do Brasil? Disponível em: <https://oimparcial.com.br/entretenimento-e-cultura/2018/04/e-no-maranhao-que-se-fala-o-melhor-portugues-do-brasil/>. Acesso em: 02 ago. 2022.; O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão? Disponível em: <https://fabioprocopio.wordpress.com/2009/08/11/o-lugar-onde-melhor-se-fala-portugues-no-brasil-e-o-maranhao/>. Acesso em: 02 ago. 2022. Projeto identifica expressões orais típicas do Maranhão. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2014/09/projeto-identifica-expressoes-orais-tipicas-do-maranhao.html>. Acesso em: 02 ago. 2022.

³ Aqui citado pela reedição de 1946.

medida, uma consciência linguística coletiva, e uma certa padronização/normatização linguística, que fizesse com que os ludovicenses usassem certas formas consideradas mais "bonitas" de se ouvir.

Na internet, as avaliações da fala maranhense são, geralmente, de duas ordens: (i) o maranhense fala um bom português (Figura 1); (ii) é o ludovicense quem fala o melhor português, não todos maranhenses (Figura 2 e 3), conforme apontam as figuras a seguir:

Figura 1: Comentário extraído do Blog Fábio Procópio

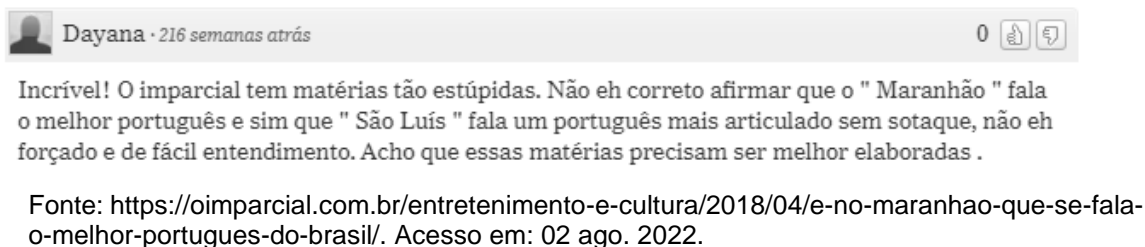





12/08/2009 às 13:36 Responder
Discordo do Pasquale (me pergunto qdo é que concordo com ele), para mim é sim no Maranhão que se fala o melhor português, trabalho com diversos estados aqui e eles escrevem muito bem, além de falarem bem, nem o "porrrta" eles puxam.

Abraços,
Cibele
(A Bordo)

Fonte: <https://fabioprocopio.wordpress.com/2009/08/11/o-lugar-onde-melhor-se-fala-portugues-no-brasil-e-o-maranhao/>. Acesso em: 02 ago. 2022.

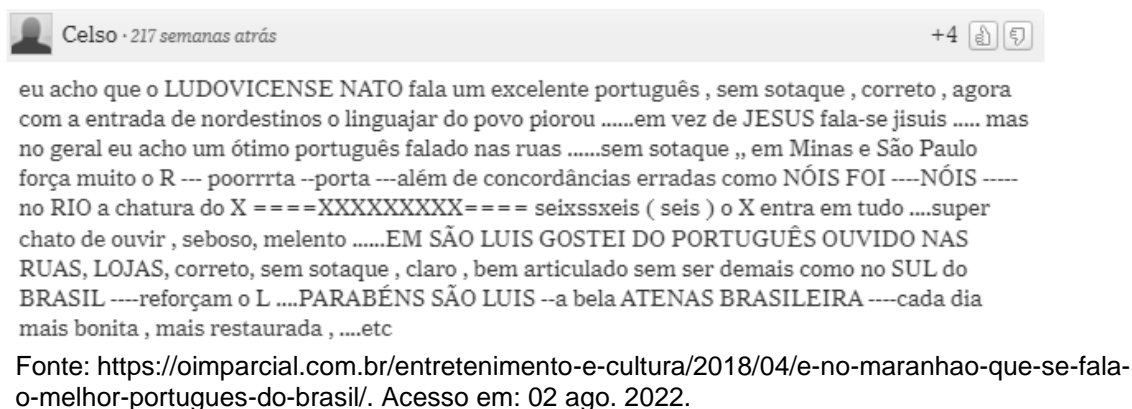
Figura 2: Comentário extraído do site O Imparcial






 Dayana · 216 semanas atrás 0  
Incrível! O imparcial tem matérias tão estúpidas. Não eh correto afirmar que o " Maranhão " fala o melhor português e sim que " São Luís " fala um português mais articulado sem sotaque, não eh forçado e de fácil entendimento. Acho que essas matérias precisam ser melhor elaboradas .

Fonte: <https://oimparcial.com.br/entretenimento-e-cultura/2018/04/e-no-maranhao-que-se-fala-o-melhor-portugues-do-brasil/>. Acesso em: 02 ago. 2022.

Figura 3: Comentário extraído do site O Imparcial



 Celso · 217 semanas atrás +4  
eu acho que o LUDOVICENSE NATO fala um excelente português , sem sotaque , correto , agora com a entrada de nordestinos o linguajar do povo piorouem vez de JESUS fala-se jisuis mas no geral eu acho um ótimo português falado nas ruassem sotaque ,, em Minas e São Paulo força muito o R --- poorrta --porta ---além de concordâncias erradas como NÓIS FOI ----NÓIS ---- no RIO a chatura do X ===XXXXXXXXX==== seixssxeis (seis) o X entra em tudosuper chato de ouvir , seboso, melentoEM SÃO LUIS GOSTEI DO PORTUGUÊS OUVIDO NAS RUAS, LOJAS, correto, sem sotaque , claro , bem articulado sem ser demais como no SUL do BRASIL ----reforçam o LPARABÉNS SÃO LUIS --a bela ATENAS BRASILEIRA ----cada dia mais bonita , mais restaurada ,etc

Fonte: <https://oimparcial.com.br/entretenimento-e-cultura/2018/04/e-no-maranhao-que-se-fala-o-melhor-portugues-do-brasil/>. Acesso em: 02 ago. 2022.

A figura 1 acima, apresenta um comentário feito em um dos textos publicados no Blog do Fabio Procópio, no ano de 2009. O texto em questão trata sobre a

discussão de quem fala o melhor português, tendo como título: “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão?” Ele faz algumas considerações sobre o desenvolvimento econômico do Maranhão no século XVIII e dos movimentos literários da época, apontando-as como possíveis justificativas para o mito sobre o melhor português. Por fim, apresenta o livro “Preconceito Linguístico” de Marcos Bagno e trechos de uma entrevista com o professor Pasquale Neto, com intuito de desmistificar esse mito. Em resposta a essas considerações, a internauta comenta que não concorda com o professor Pasquale e afirma que, “para mim é sim no Maranhão que se fala o melhor português”.

As figuras 2 e 3 foram extraídas da aba comentários do site do jornal maranhense O Imparcial. Os comentários foram formulados em resposta à desmistificação que o site faz sobre o mito da fala maranhense. No texto apresentado pelo site, publicado em 2018, cujo título é “É no Maranhão que se fala o melhor português do Brasil?”, também apresenta as mesmas considerações econômicas e literárias apresentadas no Blog do Fábio Procópio que justificariam o mito e também apresenta a visão de Marcos Bagno.

Em ambos os comentários, diferentemente do comentário apresentado na Figura 1, a defesa é de que não são todos os maranhenses que falam o melhor português. Os dois internautas deixam claro que é o ludovicense nato quem fala o português mais correto, sem sotaque, sem gírias.

Em entrevistas sociolinguísticas com ludovicenses, também aparecem avaliações nesse sentido. Veja o exemplo extraído da amostra de Santos (2015):

- (1) D1: tu me disseste que que as pessoas reconheceram que tu era ludovicense até falar né
S1: é
D1: eles acham que a gente fala...
S1: eles acham que a gente fala cantando
S1: eles falam que a gente fala cantando
D1: tu acha isso também?
S1: eu acho que a gente fala muito bem a gente fala explicadinho detalhado
S1: a gente fala muito bem
D1: não cantado né
S1: não cantado
D1: tá certo

SLM2B-Osvaldo S.

Os trechos destacados não se coadunam aos resultados alcançados pelo estudo de produção linguística de falantes maranhenses realizado por Alves (2010),

que se dedicou a analisar a realização de pronomes de pessoas de segunda pessoa do singular, tu e você. Em sua pesquisa, a autora evidenciou que os ludovicenses realizaram mais formas pronominais de segunda pessoa com você⁴. Esse resultado importa porque parece mostrar que a produção linguística não necessariamente acompanha a avaliação/percepção, considerando o discurso popular e o uso esperado da marca linguística de segunda pessoa prescrita pela gramática normativa: tu.

Se não há, aparentemente, uma relação direta entre produção e avaliação linguística, era de se esperar que a forma linguística tu não aparecesse nas avaliações de ludovicenses. Portanto, diante dessa discussão, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2006 [1966]; 2008 [1972]; OUSHIRO, 2015;), esta pesquisa⁵ se propõe a analisar os metacomentários sobre a fala ludovicense, com o intuito de acessar quais avaliações emergem do discurso de falantes da cidade São Luís. As avaliações linguísticas permitem acessar, em certa medida, atitudes e crenças que os ouvintes atribuem a certas variáveis sociolinguísticas.

Para tanto, foram analisadas qualitativamente 26 entrevistas sociolinguísticas da amostra de fala ludovicense (SANTOS, 2015⁶). Desse modo, este trabalho objetiva responder as seguintes questões: como os ludovicenses acham que falam? Quais marcas linguísticas caracterizam a fala ludovicense segundo os próprios informantes? Este artigo está dividido da seguinte maneira: primeiramente, trata-se sobre alguns pressupostos da Sociolinguística Variacionista, com enfoque em estudos de avaliação sociolinguística. Em seguida, apresenta-se a metodologia utilizada e o detalhamento do corpus da pesquisa. Por fim, reportam-se alguns resultados preliminares das análises realizadas a partir dos dados extraídos da amostra de fala de Santos (2015). Este estudo, encerra-se com a apresentação das referências que subsidiaram a realização da pesquisa.

⁴ Alves (2010, p. 74) afirma que a hipótese aventada para a fala de ludovicenses se confirma, “pois os dados revelam que São Luís aponta um efeito desfavorecedor sobre o uso de tu, com peso de 0,48. Considerando os percentuais, podíamos afirmar, a princípio, que o falante ludovicense tende a selecionar mais o você que o tu, dada a capital ser a região mais sujeita a inovações linguísticas”.

⁵ Este trabalho faz um recorte da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão, no Centro de Ciências de Bacabal, intitulada “Avaliações (socio)linguísticas sobre o uso do tu e do você na fala de maranhenses” e orientada pelo professor Dr. Wendel Santos (UFMA).

⁶ Nesta pesquisa, o autor investigou o emprego de formas verbais subjuntivas e indicativas na fala de 36 paulistanos e 36 ludovicenses.

Os estudos de produção, avaliação e percepção sociolinguística

Nos últimos anos, os estudos sociolinguísticos variacionistas têm se dedicado a analisar diversos fenômenos linguísticos. Em sua maioria, esses estudos, buscam descrever a produção linguística dos falantes por meio da correlação entre variáveis linguísticas e sociais e uma gama de variáveis sociolinguísticas de todos os níveis da língua, indicando, assim, por meio de frequências, proporções e estimativas, os padrões gerais dos usos linguísticos de indivíduos de diversas comunidades de fala.

Ao proporem princípios empíricos para o estudo da mudança linguística, Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]) tratam sobre cinco problemas⁷ a serem resolvidos. Entre eles, está o problema da avaliação, que diz respeito à investigação de correlatos subjetivos e níveis de consciência social que os falantes têm de variantes de uma variável linguística. Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968], p. 103) entendem que

o estudo do problema da avaliação na mudança linguística é um aspecto essencial da pesquisa que conduz a uma explicação da mudança. Não é difícil ver como traços de personalidade inconscientemente atribuídos a falantes de um dado subsistema determinariam a significação social da alternância para esse subsistema e assim seu desenvolvimento ou obsolescência como um todo.

Em linhas gerais, o exame da avaliação linguística permite observar, por exemplo, em que medida um falante é consciente da utilização de determinadas variantes linguísticas, bem como suas crenças, atitudes e opiniões acerca dessas variantes. Freitag *et al.* (2015, p.70) enfatizam que o problema da avaliação “se torna central para se averiguar como as variáveis linguísticas assumem significado identitário regional”, proporcionando o entendimento de estratificações regionais, como é o caso deste estudo que se ocupa em analisar o português maranhense.

Em estudo subsequente sobre percepções sociolinguísticas de universitários, Freitag *et al.* (2016, p. 65) deixam claro que “não basta saber como o brasileiro fala; é preciso também conhecer ‘como o brasileiro acha que fala’”. Dizendo de outro modo, é necessário ir além dos estudos de produção linguística para que se entenda um pouco mais sobre a complexidade da variação linguística e dos significados sociais

⁷ O Problema dos Fatores Condicionantes, o Problema da Transição, o Problema do Encaixamento, o Problema da Avaliação e o Problema da Implementação. Ver Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968], p. 121-126).

que possam estar atrelados a certas variantes. Desse modo, faz-se necessário entender o que os falantes pensam sobre determinados traços linguísticos. Oushiro (2015, p. 32) entende que “análises de avaliação e de percepção parecem mais adequadas para investigar os tipos de associações que os falantes estabelecem entre as variáveis linguísticas e categorias sociais”.

O presente estudo segue a distinção conceitual entre avaliação e percepção linguística⁸ proposta por Oushiro (2015). Essa diferenciação é crucial para entender as contribuições de um estudo de avaliação linguística. Para ela, a perspectiva da avaliação refere-se “ao discurso metalinguístico dos falantes sobre variantes, o que constitui um objeto de estudo por si só”, por sua vez, os estudos de percepção estariam interessados nas “inferências feitas pelos usuários de uma língua ao ouvir outro falante, que podem ou não ser conscientes” (OUSHIRO, 2015, p. 32). Ou seja, de um lado, o pesquisador tem a possibilidade de analisar reações subjetivas conscientes, perspectiva de análise desta pesquisa, de outro, as reações subjetivas conscientes ou não⁹.

Eckert (2012), a partir do significado social da variação, propõe uma “categorização” denominada de três “ondas” dos estudos variacionistas. De um modo geral, as três ondas dos estudos sociolinguísticos se relacionam, não exclusivamente, às perspectivas de estudos de produção, avaliação e percepção linguísticas. Os estudos que buscam padrões gerais estariam relacionados à primeira (relação entre a variação linguística e as macrocategorias sociais, como sexo, escolaridade e faixa etária) e à segunda ondas (relação da variação com categorias mais amplas em contextos mais específicos, comunidades menores), por sua vez, as pesquisas que têm enfoque no significado social da variação se encaixariam na terceira onda.

A terceira onda¹⁰ dos estudos sociolinguísticos não concebe a variação linguística como sendo um reflexo de amplas categorias sociais, mas compreende “o

⁸ Sene (2019, p. 317) afirma que “os estudos de percepção e avaliação buscaram nos trabalhos de atitudes linguísticas, ou mais especificamente na técnica de *matched-guise*, caminhos para aperfeiçoarem seus objetivos e metodologias. O contato entre esses três domínios (percepção, avaliação e atitudes) resultou em pontos de interseção, uma vez que os estudos de avaliação e percepção, dentro da empreitada sociolinguística, podem ser interpretados como desdobramento dos estudos de atitudes linguísticas inaugurados por Lambert et al. (1960)”.

⁹ Esses estudos utilizam experimentos que suscitam reações inconscientes dos ouvintes baseados na técnica chamada de *matched-guise* ou estímulos pareados desenvolvido por Lambert et al. (1960, apud MENDES, 2017).

¹⁰ Ressalta-se que essa perspectiva não é iniciada por Eckert (2012), portanto não é um empreendimento novo. Para ela, o próprio estudo de Labov (2008 [1972]), publicado originalmente em 1963, sobre a realização variável dos ditongos (aw) e (aj) em palavras como *house* ‘casa’ e *life* ‘vida’, pode ser considerado um estudo típico da terceira onda da sociolinguística. Neste estudo, Labov mostra como 69 falantes do inglês, residentes na ilha de Martha’s Vineyard, Estado de Massachusetts, empregam determinadas variantes linguísticas com objetivos ou intenções sociais.

conceito de variável linguística com uma nova roupagem, como espaço privilegiado da construção do significado social da linguagem” (CAMACHO, 2013, p. 253). Mendes (2017, p. 103) explica que a terceira onda representa um retorno ao significado da variação linguística, pois “embora o interesse por fatos dessa natureza não seja algo novo [...], pode-se dizer que rapidamente, na história da disciplina, o significado social da variação cedeu centralidade para o interesse pela mudança linguística”.

Nessa perspectiva, o foco de análise não se restringe ao que o falante produz linguisticamente, no sentido de captar, quantificar e verificar regularidades de modos de falar (que não é menos importante), mas sim a relação entre o uso de formas linguísticas e as práticas sociais dos falantes (ECKERT, 2005; 2008; 2012).

Sobre essa dinâmica da utilização de formas linguísticas em práticas sociais evidenciadas pelo construto estilo¹¹ proposto por Eckert (2005; 2008; 2012), Mendes (2017, p. 117-118) explica que os conjuntos de elementos linguísticos correspondem

a ‘tipos sociais’ e, nas nossas performances sociolinguísticas particulares, podemos “realizar mais” que tais tipos, atualizando o estilo, com a adição de novos elementos e potencialmente novas significações, ou podemos ‘realizar menos’, empregando não todos os elementos que simbolicamente correspondem ao tipo social, mas apenas alguns ou até mesmo apenas um de tais elementos. Dessa forma, na intersecção entre uma performance de um falante específico, numa situação interacional específica, e o estilo sobre o qual ele mapeia tal performance, constrói-se uma *persona*.

É a partir da perspectiva da terceira onda que os estudos de avaliação e percepção passaram a ter mais visibilidade dentro do campo da sociolinguística. No entanto, ainda que a perspectiva da avaliação não seja nova, comparativamente aos estudos de produção, os estudos de avaliação não são muito numerosos.

No contexto brasileiro, há algumas pesquisas que ajudam a entender, em alguma medida, os “correlatos subjetivos” e o “nível de consciência” que os falantes têm de determinadas variáveis, além da relação com o “processo contínuo de mudança” (ALVES, 1979; LEITE, 2004; CARDOSO, 2015 [1989]; GARCIA, 2018; MIRANDA (2014); OUSHIRO, 2015), entre outros. Esse estudo não tem o intuito de resenhar todos esses estudos de avaliação sobre o português brasileiro. Aqui,

¹¹ Difere da proposta de (LABOV, 2008 [1972]) que entende a variação do “estilo de fala” dos falantes como graus de monitoramento, depreendida por meio da entrevista sociolinguística.

destacam-se, brevemente, apenas dois estudos representativos, a saber: Cardoso (2015 [1989]) e Oushiro (2015).

A tese de Cardoso (2015 [1989]) investigou, por meio de testes de atitudes¹², a avaliação linguística de falantes aracajuano sobre a sua própria fala e outras variedades – baiana, alagoana e a carioca. A amostra utilizada é composta de 144 entrevistas, com perfis estratificados de acordo com as faixas etárias de 14-30 anos, 31-50 anos, 51-70 anos, com escolarização de 1º grau incompleto, 2º grau incompleto, 2º grau completo e superior em andamento e Superior (com diploma universitário) e o sexo dos informantes. Todos os participantes¹³ da pesquisa (alunos, ex-alunos ou funcionários ou aposentados) tinham alguma ligação com a Universidade Federal de Sergipe.

Para tanto, a autora elaborou um questionário escrito que contemplou duas partes específicas. A primeira parte objetivou verificar as atitudes que os informantes declaram ter quanto ao seu próprio dialeto (aracajuano) e aos dialetos alagoano, baiano e carioca, sem estímulo algum. Na segunda parte, as perguntas versaram sobre nove estímulos auditivos (gravados em fita), elaborados com a técnica *matched-guised*¹⁴. Nessa parte, a autora selecionou amostras gravadas de falas, que pudessem funcionar como estímulos às manifestações de atitudes linguísticas dos informantes.

Em relação ao primeiro grupo de hipóteses, que trata especificamente da variedade aracajuana considerada isoladamente, a autora concluiu que, na primeira parte do questionário (sem a fita-estímulo), os aracajuano, independentemente da idade e da escolaridade, aceitaram a sua variedade nativa.

Constatou ainda que os informantes não tem conhecimento nítido das diferenças entre os níveis linguísticos. Por fim, a autora verificou que é a variável “escolaridade” a responsável por determinar as atitudes linguísticas dos informantes em relação aos “desvios da norma”. A pesquisadora percebeu “que as respostas dadas ao questionário sem a fita-estímulo não se mantêm no questionário com a fita-estímulo” (CARDOSO, 2015 [1989], p. 118).

¹² Segundo Lambert e Lambert (1975, p.100 apud CARDOSO, 2015 [1989], p. 16), “uma atitude é uma maneira de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo geral, a qualquer acontecimento no ambiente”.

¹³ No pré-teste, a autora entendeu que não poderia aplicar os testes aos estudantes e professores do Departamento de Letras, pois eles analisavam as perguntas segundo os seus conhecimentos linguísticos e acabavam por reprimir respostas espontâneas.

¹⁴ Considerando-se a diferenciação conceitual entre avaliação e percepção linguística proposta por Oushiro (2015), essa pesquisa, metodologicamente, assemelha-se mais a um estudo de percepção linguística.

Na segunda parte, com a apresentação dos estímulos (as falas dos estímulos VI, VII, VIII e IX pertenciam a falantes aracaJuanos com diferentes graus de escolaridade), a variável sexo não apresentou diferenças estatísticas significativas, ou seja, tanto homens como mulheres consideraram a fala do estímulo VI (falante com ensino superior), de modo positivo, como a mais aceita. A fala menos aceita foi dividida entre o falante com o 2º grau incompleto e o falante com o 2º grau completo. No que diz respeito às outras variáveis, em linhas gerais, tanto os resultados da variável idade quanto os da variável escolaridade se assemelharam aos resultados da variável sexo.

O estudo realizado por Oushiro (2015) sobre a fala paulistana traz uma análise abrangente que contempla tanto a análise de produção linguística quanto a análise de avaliação e percepção linguísticas. A amostra utilizada é composta de 118 entrevistas, com perfis estratificados de acordo com as faixas etárias de 20-34 anos, 35-59 anos e 60 anos ou mais, com escolarização de ensino médio e ensino superior e região de residência (bairros centrais ou mais periféricos, em São Paulo) e o sexo dos informantes.

Nesse estudo, a autora analisou cinco variáveis sociolinguísticas, a saber: a realização de /e/, a realização de /r/ em coda silábica, a concordância nominal de número e a concordância verbal de primeira e terceira pessoa do plural, com o propósito de discutir identidades sociais e o possível impacto de significados das variantes nos processos de variação e mudança.

Em relação à avaliação linguística, Oushiro (2015) analisou o discurso metalinguístico de falantes nativos a respeito das variantes de três variáveis linguísticas: a realização de /e/ nasal como monotongo ou ditongo (como em “fazenda”), a pronúncia tepe ou retroflexa de /r/ em coda silábica (como em “porta”) e a concordância nominal de número (“as casas” vs. “as casa”). No roteiro utilizado na pesquisa, pede-se aos informantes que deem informações específicas sobre as variáveis linguísticas por meio da pergunta “o que você acha desse modo de falar”: (i) “meu, você tá entendendo o que eu tô dizendo?” (com pronúncia exagerada ditongada de [ẽj]); (ii) “a porta tá aberta” (pronúncia retroflexa do /r/); e (iii) e “meu, me vê dois pastel e um chopes” (sem a marca de número no sintagma “dois pastel”).

No caso da concordância nominal de número, variável que, segundo a autora, curiosamente, tem uma associação estereotípica com a cidade de São Paulo e recebeu mais metacomentários por parte dos informantes, a autora apresentou e

observou, a partir de uma nuvem de palavras e trechos das entrevistas, que os metacomentários associavam o uso da concordância nominal de número não padrão ao falar paulistano, com a imigração italiana, com o bairro da Mooca e também com os menos escolarizados ou de classes sociais mais baixas. Além de analisar o discurso metalinguístico sobre a concordância nominal de número, autora analisou os padrões gerais de uso dessa variável e concluiu que a associação da concordância não padrão com a fala paulistana se deve

[...] às altas taxas de emprego das variantes por parte de habitantes de bairros tradicionais de São Paulo, sobretudo a Mooca, mas sinaliza-se eu as percepções da comunidade estão em vias de mudança, em direção a uma associação mais forte com o nível de escolaridade e condição socioeconômica dos falantes. (OUSHIRO, 2015, p. 160).

Por fim, observa-se que, por meio da análise da produção e, principalmente, da análise da avaliação linguística, a pesquisadora pôde elucidar, de certo modo, como se dá a constituição de alguns significados sociais da concordância nominal de número na comunidade paulistana.

Metodologia

O primeiro passo para a realização desta pesquisa consistiu na audição de áudios e leitura das transcrições de entrevistas sociolinguísticas que compõem a amostra de fala ludovicense. O segundo passo foi a extração dos metacomentários¹⁵. Em seguida, esses metacomentários foram condensados em uma nuvem de palavras. A amostra de Santos (2015) é constituída por 36 falantes ludovicenses, estratificados de acordo com o seu sexo/gênero, três faixas etárias (18 a 35 anos; 36 a 59 anos e 60 anos ou +) e sua escolaridade (ensino médio e ensino superior). A tabela abaixo apresenta a estratificação da amostra, bem como os pseudônimos dos informantes que tiveram as entrevistas analisadas.

Tabela 1: Estratificação da amostra de fala ludovicense

¹⁵ Especificamente os trechos em que, direta ou indiretamente, apresentaram alguma avaliação sobre ludovicense. Das 36 entrevistas que compõem a amostra, foram analisadas 26 entrevistas.

| Sexo | Faixa etária | Escolaridade | Pseudônimo |
|-----------|--------------|-------------------------|---|
| Masculino | 1 (18-35) | Até o Médio Superior | |
| | 2 (36-59) | Até o Médio Superior | Joaquim M. Inácio S. Pedro H. Claudio M. |
| | 3 (60 ou +) | Até o Médio Superior | Jorge L. Emerson M. Anderson R. João K. Pablo S. |
| Feminino | 1 (18-35) | Até o Médio Superior | Maria F. Patrícia L. Valéria D. Tatiana J. Paloma R. Sofia S. |
| | 2 (36-59) | Até o Médio Superior | Adalberta C. Mariane R. Gláucia P. Flaviane C. Neide C. Andreia L. |
| | 3 (60 ou +) | Até o Médio Superior | Suzana C. Ana C. Elisangela S. Elaine M. Zafira L. |

Fonte: Elaborada pelo autor.

A amostra foi construída de acordo com os parâmetros do projeto SP2010¹⁶, projeto ao qual o trabalho de Santos (2015) está vinculado. De um modo geral, o roteiro de entrevista foi composto de duas partes: uma parte mais geral e outra mais específica. Na parte mais geral, conversou-se sobre assuntos gerais, como o bairro em que mora o falante, sua infância, sua família, educação, sua ocupação, suas redes sociais e atividades de lazer. A inclusão desses assuntos de cunho mais pessoal contribui para o desenvolvimento de uma conversa mais fluida e espontânea.

A segunda parte do roteiro compreende assuntos relacionados à cidade do falante, bem como avaliações sobre determinadas variantes linguísticas. Ao final da entrevista, pediu-se ao informante que lesse uma lista de palavras, um texto jornalístico e um depoimento com marcas de oralidade. A utilização desses textos e da lista de palavras contribui para obtenção da variação de “estilo de fala” (LABOV, 2008 [1972]).

Análise dos metacomentários

Na figura 4, estão reunidos os metacomentários dos informantes suscitados pelas seguintes perguntas: “O que você acha que caracteriza o ludovicense (tanto as coisas boas quanto ruins)?”; “Olhando pra mim, você diria que eu sou ludovicense?”

¹⁶ MENDES, R.B.; OUSHIRO, L. (2013) Documentação do Projeto SP2010 – Construção de uma amostra da fala paulistana. Disponível em <<http://projetosp2010.fflch.usp.br/producao-bibliografica>>. Acesso em: 02 ago. 2022.

D1: é?

S1: acho que a gente o nosso o o o melhor português acho que é o nosso

S1: que a gente vai lá direto no que a gente quer

D1: o daqui se São Luís?

D1: aham

SLF1B-Patricia L.

(4) D1: e Dona {G} como é que o modo de falar de São Luís do do do ludovicense? A senhora sabe como é que

S1: ah é o melhor português do mundo

D1: é o do

S1: é o nosso

D1: é? a senhora percebe isso

S1: percebo

D1: por exemplo assim como é que a senhora percebe? (xxx)

S1: (a gente) fala melhor (pelos os estados que eu já conheço)

SLF2B-Glúcia P.

A informante Maria F., excerto (2), ao ser perguntada pelo documentador como é a fala do ludovicense, deixa claro que, no sentido da compreensão, o português falado pelos ludovicenses seria o mais bem explicado, o português que mais se compreende. No excerto (3), a informante Patrícia L. também ressalta a mesma característica apontada pela informante anterior.

No entanto, ao responder à pergunta em que o documentador pede à entrevistada que dê exemplos de características do ludovicense, Patrícia L. evidencia que é o maranhense quem fala bem explicado, em seguida, ao ser perguntada se era o português de São Luís, ela responde de forma positiva. Essa informante, portanto, não deixa bem explícito se são todos os maranhenses ou apenas os ludovicenses que falam o português inteligível.

Diferentemente da informante Glúcia P., excerto (4), que afirma, de forma explícita, que o português ludovicense seria o melhor português do mundo. Além disso, ao tentar dar um exemplo de alguma forma linguística característica da fala ludovicense, ela apresenta o seguinte: “eh o exemplo (que a gente dá) assim num posso nem te explicar assim porque nós mostramos mesmo o nosso português (tu tá entendendo)” e enfatiza que “não é necessário que alguém venha... achar que não porque é o melhor”.

Há ainda informantes que não defendem de forma clara o discurso de que é o maranhense ou ludovicense quem fala o melhor português, mas entendem que esse

discurso é difundido e ouvem comentários a respeito desse discurso, conforme evidenciado nos excertos (5) e (6) abaixo.

- (5) S1: tu entendeu então por isso que eu tô te dizendo que eu acho que a gente precisa se atentar pra isso (tem) umas coisas que são meio chatas aos nossos ouvidos né porque quando a gente sai daqui as pessoas “nossa mas tu fala tão assim correto”
D1: (xxx)
S1: não sei se tu já ouviu isso eles acham que a gente fala muito correto (parece que é engraçado)
D1: hum
S1: mas eles acham que a gente fala correto o português
D1: tu concorda com isso?
S1: por partes às vezes né
D1: ah certo
S1: por parte

SLF2S-Andreia L.

- (6) D1: Qual é a imagem né que as pessoas de fora têm de São Luís?
S1: bom eu acho que elas têm elas têm uma imagem
S1: elas têm uma imagem boa (daquilo) por exemplo que é veiculado
D1: aham
S1: eh eh... patrimônio da humanidade num é cidade dos azulejos eh
S1: o maranhense fala muito bem num é
D1: hum
S1: usa... muita gente diz que que as pessoas aqui o ludovicense fala correto mais corretamente né eh a língua formal fala uma melhor eu acho que ele têm eles têm

SLF3S-Elisangela S.

Sobre a característica linguística que explicaria, em alguma medida, a ideia que os maranhenses/ ludovicenses falariam a melhor variedade do PB, presume-se, a partir de alguns comentários, que a utilização do pronome “tu” poderia ser uma evidência. Os excertos (7), (8) e (9), a seguir, exemplificam essa constatação.

- (7) D1: seu {C} e olhando pra mim seu {C} o senhor diria que eu sou ludovicense?
S1: mais ou menos
D1: como assim?
S1: (acho que) a tua linguagem eu não sei se aprendeu aqui
D1: hamram
S1: **né o português claro esse português que a gente fala o português nós dizemos ‘tu’ nós dificilmente falamos você agora a gente fala você por causa das novelas que tá unificando tudo né a a televisão ela tá massificando/unificou tudo mas nós tínhamos o jeito de ser assim bem característico**
D1: ah certo tá

SLM3S-João K.

- (8) D1: a a a gente teria um modo de falar a senhora saberia me dizer como é que o modo de falar do ludovicense?

S1: sim fala bem

D1: é?

S1: acho que ele se expressa bem não tem muito não tem vícios né

D1: humrum

S1: num tem muito vício hoje com influência de de televisão muito eles eh {H} às vezes fala “tu foi vovó?” não “tu foste?” aí eu fico ‘fostes’ ‘fostes’ ‘fostes’

D1: fica batendo (palmas)

S1: é

D1: tá certo

SLF3S-Zafira L.

(9) D1: e e uma característica do ludovicense dona dona {E}?

S1: ah da pessoa?

D1: humrum

S1: não assim eu considero que ainda é eu não diria que nós podemos considerar hoje eh São Luís uma Atenas brasileira como durante tanto tempo foi dito né... que era como se fosse né um... alguém que fala muito bem então mas eu ainda identifico muito nas pessoas de São Luís o cuidado na na fala na assim nas concordâncias num é nos pronomes porque se você usa ‘tu’ usa ‘tu’ sempre se você usa ‘você’ continua usando ‘você’ isso aí eu vejo muito aqui

D1: humrum

S1: ao contrário de muitos outros lugares e até jornais né televisivos ou não nas sei lá nas novelas nos programas e tal... na fala de artistas de cantores de atores a pessoas tá falando ‘você’ e logo em seguida fala ‘tu’ mistura muito as coisas

D1: ham

S1: né então isso é uma coisa que eu

D1: a senhora acha que a gente é (define mais)

S1: é eu eu creio que sim

D1: é né a senhora acha

S1: é embora ultimamente eu já tenha observado tipo assim nessa geração bem mais nova já num tá tendo tanto esse cuidado mas eu ainda considero que seja... uma marca entendeu

D1: por exemplo ‘tu’ com a concordância ou sem a concordância?

S1: não com a concordância mesmo né

D1: ah certo

S1: ‘tu fizeste’ ‘tu’ né ‘tu voltaste’ que dizer eh eh assim ma/eh e outra coisa assim eu acho que as pessoas são assim abertas são receptivas né

D1: aham

SLF3S-Elaine M.

João K. comenta que o ludovicense utiliza o pronome “tu” em detrimento do pronome “você” que, segundo ele, seria pouco utilizado por parte dos ludovicenses e ainda coloca que, atualmente, o uso do pronome “você” tem crescido e aponta as novelas como causa. Para ele, a televisão tem unificado a fala e que antes havia um jeito característico bem ludovicense.

A informante Zafira L. utiliza um exemplo com uma criança, supostamente o seu neto, para explicar como seria a concordância do pronome “tu” com o verbo. Ela comentou que a criança, às vezes, quer chamar o seu avô com o pronome “tu” sem a concordância verbal – “tu foi vovó” -, desse modo, ela intervém e repete várias vezes

a expressão com o pronome “tu” e o verbo concordando – “aí eu fico ‘fostes’ ‘fostes’ ‘fostes’” – para que a criança assimile a expressão que ela considera correta. Além disso, ela diz que a televisão tem levado as pessoas a cometer vícios de linguagem.

Elaine M. comenta que os ludovicenses ainda têm cuidado com a fala e aponta a utilização das concordâncias e uso dos pronomes e suas devidas formas pronominais como uma característica da fala ludovicense: “porque se você usa ‘tu’ usa ‘tu’ sempre se você usa ‘você’ continua usando ‘você’ isso aí eu vejo muito aqui”. Ela ressalta ainda que, embora a nova geração tenha perdido um pouco do cuidado com a fala, essa marca ainda prevalece – os usos do pronome “tu” com a concordância verbal: “‘tu fizeste’ ‘tu’ né ‘tu voltaste’ que dizer eh eh assim ma/eh e outra coisa assim eu acho que as pessoas são assim abertas são receptivas né”.

Ela comenta que a geração mais nova não teria mais “esse cuidado”, referindo-se ao uso do pronome tu. Esse comentário é interessante, pois Alves (2010) evidencia que são os jovens que mais favorecem o uso do pronome tu (65%) em relação aos mais velhos. Esses primeiros resultados, evidenciados pelos metacomentários, explicitam, de certo modo, como os ludovicenses avaliam a sua própria forma de falar.

Considerações finais

A análise qualitativa realizada neste estudo permitiu responder, preliminarmente, as seguintes perguntas: como os ludovicenses acham que falam? Quais marcas linguísticas caracterizam a fala ludovicense segundo os próprios informantes? Os resultados apontam para o fato de que os ludovicenses entrevistados acreditam, de fato, na existência de uma melhor variedade do português brasileiro e, deixam claro que, os detentores desse título seriam os maranhenses, mais especificamente, os ludovicenses.

A marca linguística que supostamente sustentaria essa afirmação seria o pronome tu, com a devida conjugação verbal prescrita pela gramática normativa. Por outro lado, os informantes estão cientes da existência da variação linguística, ou seja, está acima do nível da consciência de alguns informantes que o pronome você está concorrendo para realização da segunda pessoa juntamente com o pronome tu. Para explicar esse fenômeno, os informantes deixam claro que a televisão é a responsável pelo aumento do uso do pronome você para se referir à segunda pessoa.

Para além da análise qualitativa, análises quantitativas também serão realizadas. Pretende-se ainda, ampliar o corpus da pesquisa por meio da gravação de novas entrevistas, com o foco em avaliações de algumas variáveis linguísticas e o discurso popularmente difundido de que é o maranhense quem fala o melhor português. Em síntese, este trabalho, que empreendeu uma análise de avaliação linguística, contribuiu, em alguma medida, para verificar como os maranhenses falam, bem como as crenças, atitudes e opiniões linguísticas de ludovicenses sobre sua própria variedade.

Referências

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. *O uso do tu e do você no português falado no Maranhão*. 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo: uma abordagem previa*. 220 f. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 1979.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CARDOSO, D. P. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. São Paulo: Blucher, 2015.

ECKERT, Penelope. 'Variation and the indexical field'. *Journal of Sociolinguistics*. 12: 453–76, 2008.

ECKERT, Penelope. 'Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation'. In: *Annual Review of Anthropology* vol. 41, p. 87–100, 2012.

ECKERT, Penelope. 'The limits of meaning: Social indexicality, variation, and the cline of interiority'. *Linguistic Society of America*. Language, Vol. 95, n. 4, 2019, pp.: 751-776.

FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; ROST-SNICHELOTTO, C. A.; TAVARES, M. A. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do "português brasileiro". *Signo y Señal*, v. 28, p. 65-87, 2015.

FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; ROST-SNICHELOTTO, C. A.; TAVARES, M. A. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. *Todas as Letras*, v. 18, n. 2, p. 64-84, 2016.

GARCIA, B. L. *Identidade social e atitude linguística: um estudo da fala de Bonfim Paulista*. 157 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2018.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. São Paulo: Cambridge University Press, 2006 [1966].

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LEITE, Cândida M. Britto. *Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco*. Dissertação de Mestrado. 138f. Campinas: Unicamp, 2004.

MENDES, Ronald Beline. 'A terceira onda da sociolinguística'. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Novos caminhos da linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

MIRANDA, Antonio Luiz Alencar. *Crenças, atitudes e usos variáveis da concordância verbal com o pronome tu*. 2014. 157 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

OUSHIRO, Livia. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São de Paulo*. 2015. 390 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PRAZERES MARANHÃO, Frei Francisco de Nossa Senhora dos. *Porandunba Maranhense*. 3 ed. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 2012.

SANTOS, Wendel Silva dos. *A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís*. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SENE, Marcus. 'Percepções sociolinguísticas, avaliações subjetivas e atitudes linguísticas: três domínios complementares'. In: *Todas as Letras*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 304-323, jan./abr. 2019.

SERRA, Astolfo. *Guia Histórico e Sentimental de São Luís do Maranhão*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1965.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.